



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: gender fuck performance queer crip

VISIBILIDADE RADICAL, PERFORMANCE GENDERFUCK E DESIDENTIFICAÇÃO, OU COMO A SUBVERSÃO *QUEER CRIP* VESTE A TEORIA POLÍTICA

Erwan Sommerer  [0009-0008-0130-5398](https://orcid.org/0009-0008-0130-5398)

Université de Angers, Angers, França

Tradução por Fransuelen Geremias Silva  [0000-0002-3862-4439](https://orcid.org/0000-0002-3862-4439)

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

Tradução de:

SOMMERER Erwan. *Visibilité radicale, performance genderfuck et désidentification, ou comment la subversion queer crip habille la théorie politique*. In: HOURMANT François, SOMMERER Erwan (org.). *Vêtements, modes et résistance*. Paris: Hermann, 2023.

Como citar: SOMMERER, Erwan. Visibilidade radical, performance genderfuck e desidentificação, ou como a subversão *queer crip* veste a teoria política. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 48656, jul./dez. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

A partir da constatação de certa cegueira da teoria política contemporânea em relação à questão das práticas de se vestir,¹ mesmo que parte significativa do pensamento atual sobre a construção de antagonismos coloque a identidade – e, portanto, as diferentes formas de expressão e de afirmação individual ou coletiva no espaço público – como chaves para as mobilizações contestatórias, gostaríamos de propor algumas abordagens para destacar a inseparabilidade das roupas e da resistência ao poder. Portanto, ao destacar inicialmente que os sujeitos que se revoltam não são apenas corpos abstratos, mas que as roupas que eles usam contribuem para a subversão das relações de poder sedimentadas nas instituições – em primeiro lugar, as funções sociais reificadas –, enfatizamos a necessidade de se considerar a materialidade da contestação. Em um segundo momento, mostraremos que a teoria *queer* e, especialmente, a *queer crip*,² por meio dos conceitos de “visibilidade radical” e desidentificação, coloca, em uma perspectiva interseccional, a questão das práticas de se vestir no centro de uma abordagem que perturba as normas identitárias ligadas a ideais binários e capacitistas.³ Mais especificamente, ao analisar o projeto artístico e ativista de Sky Cubacub, estilista que deu origem a *Rebirth Garments*, veremos que o próprio princípio da performance *genderfuck*, que busca publicamente confundir as fronteiras entre gêneros para fins de desestabilização política,⁴ faz da recusa em ser identificado – e da declaração dessa recusa aos olhos dos outros – um ato emancipatório.

1. Teoria política, identidade e práticas de se vestir

Embora não haja dúvida de que as práticas de se vestir interessem aos historiadores e sociólogos, a teoria política, por sua vez, é caracterizada por certo desdém em relação a esse tema. A filosofia, em sentido amplo, certamente se dedica de bom grado ao debate sobre corpo – cujo controle está, com certeza, no cerne da biopolítica foucaultiana –, mas bem menos no que se refere à veste, como se fosse, afinal, apenas um elemento secundário e pouco significativo.⁵ Os *fashion studies*, por sua vez, podem ter um inegável alcance conceitual em sua análise sobre os desafios políticos da moda, como comprovam, por exemplo, os trabalhos de Djurdja Bartlett.⁶ Entretanto, esse campo de

¹ A expressão *pratiques vestimentaires* foi traduzida no texto como “práticas de se vestir” por entender que o termo se refere a toda e qualquer prática relacionada a roupas, moda e estilo de vestir, não se referindo a peças específicas, mas a algo relacionado ao ato de vestir-se em geral. (N. T.).

² A teoria *crip* é uma adaptação das reflexões e conceitos *queer* relacionados com as questões da deficiência, com o objetivo de contestar o capacitismo (a não deficiência como norma). Por sua vez, o movimento *queer crip* abrange práticas ou análises de pessoas transgêneros com deficiência. Cf. McRUER, *Crip Theory*; KAFER, *Feminist, Queer, Crip*.

³ O termo francês *validistes* foi traduzido para o português como “capacitistas”. (N.T.).

⁴ No vocabulário *queer*, *genderfuck* é “um termo guarda-chuva para uma performance de gênero que confunde ou intencionalmente desafia o gênero binário...”. O conceito pode se referir a um estilo de performance *drag*, mas “algumas pessoas trans usam o termo *genderfuck* para descrever sua relação cotidiana com o gênero”. GOLDBERG; BEEMYN, *The SAGE Encyclopedia of Trans Studies*, p. 213.

⁵ Há, é claro, exceções a esse reconhecimento, e a filosofia, especialmente em sua dimensão fenomenológica, demonstra, por vezes, interesse pelas roupas. Cf. MATTEUCCI; MARINO, *Philosophical Perspectives on Fashion*.

⁶ BARTLETT, *Fashion and Politics* ou, de forma mais geral, o número 4 (v. 26, 2022) da revista *Fashion Theory*.

pesquisa, devido à sua abordagem interdisciplinar, só faz incursões pontuais no campo da teoria, aos passos que sua natureza altamente especializada pode ter sido um obstáculo para sua aprovação por pensadores com objetos de estudo mais clássicos. Contudo, a constatação que fazemos aqui diz respeito principalmente à indiferença global dos principais teóricos políticos contemporâneos, sejam eles continentais ou analíticos, sejam influenciados pelo marxismo, pela *French Theory*, pelo pós-modernismo ou pelo pós-estruturalismo, pela abordagem rawlsiana, comunitarista etc., em relação aos temas das roupas ou da moda: a reflexão sobre a organização ideal da cidade democrática ou liberal, sobre a influência da soberania estatal ou sobre as diferentes relações das pessoas com a dominação geralmente se distancia dessas considerações materiais.

O paradoxo é, entretanto, que toda uma vertente da teoria política, pelo menos aquela que se inscreve em uma abordagem totalmente contestadora, se apoia fortemente na noção de identidade. É o caso, para tomar um dos exemplos mais evidentes, dos trabalhos de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, que atribuem uma importância central ao vínculo entre a capacidade dos indivíduos de implementar estratégias de resistência ao poder e sua capacidade de agir de acordo com sua identidade individual e coletiva: enquanto a ordem hegemônica se constitui distribuindo papéis fixos e hierárquicos, as mobilizações voltadas para contestá-la estão intrinsecamente ligadas à redefinição, por parte dos sujeitos, de suas próprias coordenadas sociopolíticas, da maneira como eles se percebem e do comportamento que isso induz. Por meio da possibilidade de decidir a sua identidade, projeta-se um modo alternativo de organizar a sociedade.

Em Laclau, mais especificamente, encontra-se a ideia de que o poder tende a ocultar o traço dos conflitos constituídos nos sistemas de representação, nos hábitos culturais e nas formas de conceber o mundo em que se funda. Os elementos que compõem a rotina e o funcionamento ordinário da sociedade são apresentados como apolíticos, embora estejam inscritos em um quadro hegemônico específico, ligado a certa forma de organizar a vida dos indivíduos e de governá-los.⁷ Essa ocultação, que, de acordo com esse autor, é um processo de "sedimentação" pelo qual esquecemos a contingência das normas, práticas e identidades e que, portanto, tende a fazê-las passar por necessárias ou naturais, afeta todos os aspectos da vida cotidiana, mesmo os mais triviais. Assim, o processo de des-sedimentação, ou seja, no vocabulário laclauiano, a "reativação" do político, consiste no fato de indivíduos redescobrirem, durante uma crise, a maleabilidade de seu ambiente, e entenderem que as evidências nas quais se movem são o resultado de um conflito neutralizado que eles podem reviver lutando por uma ordem alternativa.⁸ De acordo com essa abordagem, o sujeito que protesta se caracteriza não por uma essência revelada por trás dos papéis distribuídos pelo discurso hegemônico dominante, mas pela possibilidade oferecida a ele – durante o fracasso da estrutura socioinstitucional – de decidir tanto sobre sua identidade quanto sobre o regime no qual essa identidade poderá se expressar plenamente.

Mas Laclau, cuja abordagem é eminentemente abstrata, não diz absolutamente nada sobre as práticas de se vestir.⁹ No entanto, pode-se considerar que elas desempenham aqui um papel crucial em dois aspectos. Primeiro, porque, como

⁷ LACLAU, *New Reflections on the Revolution of Our Time*, pp. 33-34.

⁸ LACLAU, *New Reflections on the Revolution of Our Time*, p. 35.

⁹ Outro exemplo: FISHER; KATSOURAKI, *Performing Antagonism*. Esse livro, no qual o trabalho de Laclau, Mouffe e Rancière sobre antagonismo é associado à noção de performance, trata extensivamente da questão do corpo, mas não da questão do vestuário.

manifestações materiais da identidade, elas são a expressão privilegiada da neutralização do político em um contexto de estabilidade hegemônica: por trás da aparente trivialidade das maneiras de se vestir, se esconde todo o sistema de distribuição desigual de bens, privilégios e direitos próprios às hierarquias socioeconômicas, à dominação patriarcal e à segregação racial. Em seguida, e sobretudo, porque a luta para defesa de uma identidade evidentemente está ligada à visibilidade das vestimentas envolvidas nessa luta e nessa identidade: do mesmo modo que os *slogans*, os símbolos e as bandeiras, as roupas são a expressão óbvia da construção de um antagonismo que vê o espaço social dividido em dois. Quando o “nós” que contesta, por meio de um jogo de equivalência entre as reivindicações, passa a formar um “povo” diante das elites e dos dominantes. Nesse sentido, se levarmos ao extremo o pensamento de Laclau, não há maneira neutra de vestir os corpos. Vestir-se é sempre tomar partido em um conflito que tende, em última instância, a ser levado a um confronto entre dois campos irreconciliáveis.

É toda a questão da materialização da identidade contestatória no espaço público que está sendo levantada aqui. Sobretudo se entendermos a abordagem de Laclau como uma descrição particularmente sofisticada dos processos de des-reificação pelos quais os sujeitos recuperam o controle de suas instituições, que eles podem tentar transformar, sendo então necessário levar em conta a forma como a primeira etapa desse processo pode se concretizar, ou seja, a des-reificação de si mesmo. O trabalho pioneiro de Peter Berger e Thomas Luckmann sobre as conversões políticas e religiosas, que eles chamam de “alternâncias”, nos fornece pistas preciosas a esse respeito. Na perspectiva construtivista desses autores, a mudança de identidade segue uma lógica próxima daquela descrita por Laclau: é um processo de dois estágios, um “ir e vir” durante o qual um indivíduo é levado a romper com as estruturas de representação específicas de sua socialização anterior, a desnaturalizar e a des-reificar sua concepção do mundo e de si mesmo, antes de se juntar a uma “realidade” alternativa na qual seu *status* é modificado. Trata-se de uma ruptura profunda, que envolve a adoção de novos valores e um novo modo de vida associado a um vocabulário especializado.¹⁰ Mas tudo isso deve ser simultaneamente confirmado socialmente: para que o processo resulte na formação de uma identidade duradoura, deve existir um sistema global de consolidação que os autores chamam de “estruturas de plausibilidade”.

Para Berger e Luckmann, a identidade é, de fato, uma construção intersubjetiva que precisa ser validada por outras pessoas. As estruturas de plausibilidade são, portanto, o conjunto de grupos ou de instituições (por exemplo, uma congregação religiosa) que garantem essa validação, confirmando ao indivíduo em questão a legitimidade e a credibilidade de sua nova identidade.¹¹ Embora os autores não especifiquem, pode-se supor que essas estruturas também incluam a existência de sinais materiais de reconhecimento mútuo, como atitudes corporais, gestos rituais e, é claro, o uso de roupas ou símbolos específicos. Isso é ainda mais óbvio se considerarmos que a alternância, assim definida, tem como objetivo produzir o que a sociologia da conversão chamou mais tarde de “identidade negativa”,¹² ou seja, uma identidade em oposição radical aos valores, crenças ou cultura da sociedade de pertencimento do convertido: adotar uma identidade contestadora significa questionar todo um sistema institucional e moral, que é rejeitado

¹⁰ BERGER; LUCKMANN, *The Social Construction of Reality*, pp. 176-177.

¹¹ BERGER; LUCKMANN, *The Social Construction of Reality*, pp. 174-175 e p. 178.

¹² TRAVISANO, *Alternation and Conversion as Qualitatively Different Transformations*, pp. 594-606.

como um todo. Portanto, parece lógico que essa mudança, do ponto de vista do sujeito, seja completa e envolva uma redefinição das práticas de se vestir, cujo papel na concretização intersubjetiva da revolta é decisivo aqui.

Seja nas teorias de Laclau ou de Berger e Luckmann, observamos que interessar-se pelas roupas é uma contribuição útil para as análises que abordam a contestação sociopolítica do ponto de vista da identidade, sem, no entanto, tratar diretamente da questão das manifestações materiais – que são, todavia, decisivas para avaliar a extensão da ruptura ocorrida – dessa contestação. É, então, um tanto frustrante ter que preencher essa cegueira na teoria política acrescentando um elemento externo que não foi inicialmente levado em conta pelos autores em questão. O papel da roupa aqui é apenas um coadjuvante que complementa de forma útil os modelos conceituais, mas do qual não se pode remover completamente uma dimensão supérflua ou contingente. É por isso que desejamos ir além, explorando abordagens que incorporaram esse papel de forma muito mais profunda, postulando desde o início, em seus pressupostos, a indissociabilidade entre as práticas de se vestir e de contestar. Esse é o caso das abordagens que analisaremos agora, ou seja, a visibilidade radical e a desidentificação, ambas intimamente ligadas ao âmbito mais geral da teoria *queer* e da performance *genderfuck*.

2. Visibilidade radical e desidentificação: a contribuição da teoria *queer crip*

Para ilustrar a contribuição da teoria *queer*, vamos nos referir aqui ao trabalho de Sky Cubacub, uma estilista americane¹³ que, em 2014, fundou a *Rebirth Garments*, uma linha de roupas e acessórios de moda com sede em Chicago e projetada com uma perspectiva ativista. Cubacub se identifica como uma pessoa não-binária com deficiência de origem filipina. Suas criações visam, então, questionar, de um ponto de vista interseccional *queer crip*, a rede de múltiplas opressões das quais a sua condição lhe deu consciência, especialmente no contexto das práticas de se vestir.¹⁴ Partindo da constatação de que o mundo tradicional da moda e, sobretudo, as roupas comuns disponíveis para o público em geral, permaneciam em grande parte aprisionadas por um entrelaçamento de normas heterocêntricas, capacitistas e racistas, dependentes de um modelo ideal de silhueta – branca, jovem, alta, magra e saudável – moldado pelas representações ocidentais, ela coloca como meta realizar uma performance de subversão baseada na palavra de ordem da visibilidade radical:

Rebirth Garments questiona as normas dominantes de beleza que são discriminatórias em relação ao tamanho, peso, capacitistas (*ableist*) e conforme a

¹³ Para respeitar a autodefinição de Sky Cubacub (especificamente ao usar o pronome "they" para se identificar fora das convenções binárias de gênero masculino ou feminino), Erwan Sommerer opta por uma escrita inclusiva, empregando o pronome "iel" e o ponto médio (em vez de "x") para as concordâncias. Portanto, na tradução para o português, adotaremos o pronome "elu" e utilizaremos o "e" para as concordâncias. (N.T.).

¹⁴ Em relação à dimensão interseccional do trabalho de Cubacub, consulte também REDDY-BEST; GOODIN, *QueerCrip fashion in the twenty-first century*. Para uma visão geral das marcas comprometidas com a visibilidade *queer*, consulte REDDY-BEST; STRECK; FARLEY, *Visibly Queer- and Trans-Fashion Brands and Retailers in the Twenty-First Century*.

uma concepção binária de gênero. Defendemos a noção de visibilidade radical, um movimento baseado na afirmação de nossos corpos por meio do uso de cores vibrantes, tecidos extravagantes e *designs* inovadores, que destacam as partes de nós que a sociedade normalmente ignora. Através da visibilidade radical, recusamos a assimilação e podemos criar um movimento de reforma de se vestir *queer* deficiente.¹⁵

Portanto, é possível identificar quatro níveis sucessivos de protesto. O primeiro é a criação de roupas adaptadas às necessidades específicas de pessoas transgênero, pessoas com deficiências ou pessoas discriminadas por causa de seu tamanho ou peso. O objetivo é lutar, ao mesmo tempo, contra a indiferença das principais marcas em relação a essas questões que são fonte de exclusão e opressão, e reconhecer o potencial de resistência das roupas. Assim, Cubacub descreve suas criações como “armaduras suaves”, uma “segunda pele” que tem “o poder de mudar a forma como nos apresentamos e de nos dar confiança e força para nos sentirmos confortáveis em nossa primeira pele”.¹⁶ Trata-se, então, tanto de ampliar a escolha que está à disposição dos indivíduos envolvidos quanto inscrevê-los em uma lógica de afirmação estética e política de si mesmos no espaço público.¹⁷ Pois, é nessa mesma vontade de adaptação às populações marginalizadas que, às vezes, surgem vários fatores de discriminação. Cubacub defende, por sua vez, em um espírito de *slow fashion*, um princípio de criação sob medida, no qual cada indivíduo deve ser capaz de vestir-se de acordo com seus desejos, sem sentir seu corpo como uma restrição ou um obstáculo. A diversidade de posições de gênero e de deficiências físicas ou mentais é acompanhada pela diversidade de roupas e acessórios oferecidos.

O segundo nível envolve mais diretamente a noção de visibilidade radical, apresentada por Cubacub em um manifesto. Isso resulta em um ponto de vista interessante sobre a questão do vínculo entre discriminação, normalidade e visibilidade/invisibilidade. Geralmente, considera-se que são as populações privilegiadas no Ocidente as menos perceptíveis no espaço público, onde tudo é projetado para facilitar a circulação rápida, o conforto e a segurança das pessoas cisgênero brancas em pleno uso de suas capacidades físicas, e entre elas, é claro, os homens em particular. Não ser notado (especialmente pela polícia), locomover-se sem encontrar obstáculos ou ter que justificar seu *status* ou sua identidade – porque está de acordo com a normalidade – é fruto de uma relação de poder que coloca certos indivíduos em uma posição dominante e estabelece suas características como elementos de referência com base nos quais a anormalidade ou o desvio são então definidos. Fazer parte do cenário, nesse sentido, é um privilégio. Mas a abordagem de Cubacub se baseia na observação de que essa estruturação opressiva do espaço público implica que as pessoas que perturbam a normalidade, que interrompem a validação das identidades dominantes, tornam-se ainda mais imperceptíveis ou invisíveis e, portanto, estão sujeitas a uma injunção de discricção, pelo menos nos lugares comuns da vida cotidiana. Esses são aqueles que os privilegiados não notam ou preferem não ver, principalmente os transgêneros ou os deficientes. No entanto, a roupa desempenha aqui um papel crucial: espera-se que ela alimente essa

¹⁵ CUBACUB, *lutte collective is a space for disabled and chronically ill artist*, tradução livre.

¹⁶ CUBACUB, *lutte collective is a space for disabled and chronically ill artist*.

¹⁷ Veja também sobre este assunto em: ELLINGTON; LIM, *Rendered Powerless*. Ambas as autoras são responsáveis pela exposição *(dis)ABLED BEAUTY*, que estabelece uma conexão entre moda e luta contra a discriminação baseada em deficiência.

discrição que, no caso da deficiência, tudo é feito para que os elementos que a revelam (como próteses, cadeiras de rodas etc.) sejam indistinguíveis ou de aparência monótona e puramente funcional.

É nessa lógica que Cubacub – que também organiza performances coletivas para apresentar suas criações – indica que a exigência de visibilidade radical baseada na ideia de que ser visível, ser incontornável no espaço público e não poder não ser notado, é uma fonte de poder. Elu explica que “as normas culturais não incentivam as pessoas trans ou com deficiência a se vestirem com estilo ou de forma chamativa. A sociedade quer que nos ‘misturemos com a multidão’ e que não chamemos a atenção para nós mesmos”.¹⁸ Portanto, importa para elu, resistir a essa invisibilização com a ajuda de roupas ou acessórios específicos. As cores devem ser vivas e contrariar a repressão da cultura ocidental, que tem a tendência de rejeitar roupas coloridas como um sinal de populações exóticas ou emotivas.¹⁹ Além disso, os cortes devem adotar uma “geometria exuberante” e não servir para dissimular as silhuetas em toda a sua diversidade: o corpo não deve ser escondido, mas exposto ou sublimado pelo exagero das formas. O mesmo se aplica às próteses, que não precisam ser realistas e, portanto, não devem procurar reproduzir, com base em imperativos capacitistas de discrição ou mimetismo, os membros que visam apoiar ou substituir. Tudo isso deve permitir que pessoas não-binárias e/ou com deficiência não sejam ignoradas e, assim, aumentem sua capacidade de reivindicação e ação.

O terceiro nível de contestação envolve a busca por um distanciamento permanente em relação à norma, bem como a recusa do *passing*, dois elementos que nos levam ao cerne da teoria *queer* e de suas estratégias de subversão sócio-política. Permanecer incontornável, portanto, requer uma luta constante contra qualquer forma de normalização, ou seja, a atenuação das diferenças, a reabilitação ou a classificação. É por isso que Cubacub apresenta suas recomendações em termos de exuberância das roupas como temporárias, especificando em seu manifesto: “Os sinais de visibilidade radical terão de se adaptar constantemente. Se esses elementos se normalizarem na cultura dominante, não serão mais tão visíveis; eles se misturarão novamente à massa. Devemos sempre nos adaptar para sermos tão visíveis quanto possível, para que não sejamos ignorados”. Uma vez que a norma em si pode evoluir e incorporar elementos que antes eram considerados “anormais” e assimilá-los, sua subversão exige uma adaptação contínua dos critérios de perturbação da normalidade: a repetição da forma de contestação deve estar ligada à renovação de seu conteúdo para combater um inescapável tornar-se invisível.

Ao imperativo de distanciamento perpétuo da norma acrescenta-se a rejeição tipicamente *queer* do *passing*, ou seja, da assimilação em uma nova identidade: uma pessoa não binária não tem como objetivo mudar de gênero, ser reconhecida como parte de um novo grupo, mas escapar da identificação de gênero. Usando o slogan “*Nobody passes*” (“Ninguém passa”), cunhado pela escritora e ativista Mattilda Bernstein Sycamore,²⁰ Cubacub defende, assim, a ideia de que suas criações são destinadas a

¹⁸ CUBACUB; DAVIEL, *Radical Visibility*, tradução livre.

¹⁹ Aqui, Cubacub faz referência ao trabalho de David Batchelor, que argumenta que, no Ocidente, a cor é atribuída ao “corpo estrangeiro”, ou seja, ao “feminino, ao oriental, ao primitivo, ao infantil, ao vulgar, ao estranho ou ao patológico”. Cf. BATCHELOR, *Chromophobia*, pp. 22-23, tradução livre.

²⁰ BERNSTEIN SYCAMORE, *Nobody Passes*.

indivíduos que se recusam a ser “lidos”, ou seja, apreendidos como pertencentes a uma categoria de gênero. Como criações destinadas a pessoas não binárias, as roupas e os acessórios da *Rebirth Garments* promovem uma “estética *genderfuck*”²¹ que consiste em constantemente borrar os limites: seu objetivo é evitar a identificação com uma das identidades de gênero dominantes disponíveis na sociedade. Essas identidades são então diretamente atacadas, assim como a norma capacitista, quando os *queers* com deficiência se recusam a tomá-la como modelo e se submetem a uma distinção rígida e determinante entre deficiência e validade.²² Ser radicalmente visível, desafiando indivíduos dotados de privilégios, implica brincar com as fronteiras, nunca podendo ser ignorado nem reduzido a um tipo social reconhecível e tranquilizador.²³

É interessante notar também que essa exigência de um afastamento da norma e da des-reificação da identidade – e sua ligação com as práticas de se vestir – podem ser encontradas entre os anarquistas insurrecionais *queer* do *Bash Back!*, uma rede militante norte-americana que existiu de 2007 a 2011. A antologia de textos e panfletos dessa rede inclui uma entrevista conduzida pelo jornal anarquista de *Denver 'Til it Breaks* com *The Boulevardier*, uma especialista em moda que escreveu um texto intitulado *Black Bloc Fashion: Ya Basta!*. Nessa entrevista, ela denuncia a moda das roupas pretas entre os anarquistas, especialmente quando formam um *black bloc* para uma manifestação. Sob o pretexto de considerações táticas, isso revela tanto a falta de imaginação dos militantes quanto a propensão deles a se agruparem em torno de uma identidade masculinista e virilista. Nesses casos, enquanto as táticas insurrecionais genuínas implicariam em uma prática de se vestir fluida, “sempre em movimento, como um rio”,²⁴ o uso do preto nada mais é do que uma “performance de masculinidade” associada a um estado mental “lógico”, frio e violento, por meio do qual o ativista se apresenta como um soldado-monge ascético.²⁵ Por trás dessa crítica está a ideia de que os *queers* anarquistas devem tomar cuidado especial para rejeitar esse tipo de norma, para desencadear uma “insurreição *genderfuck*”²⁶ em vez de tentar imitar os heterossexuais anarquistas e, assim, repetir seus erros. Nesse contexto, a defesa da moda e a exaltação da “decadência” são vistas por *The Boulevardier* como remédios para o machismo predominante e armas contra a sociedade patriarcal: elas adquirem, em sua opinião, uma dimensão completamente subversiva e “confrontacional”.

Isso nos leva ao quarto e último nível de contestação expresso pela *Rebirth Garments*, que é a subversão da identidade como tal. Isso é, naturalmente, o gesto *queer* por excelência, analisado já em *Gender Trouble* por Judith Butler em relação à performance *drag*.²⁷ Certamente, não é exatamente a mesma coisa: enquanto a *drag queen*, por meio de sua ação paródica, revela tanto o caráter contingente quanto imitativo da identidade de gênero, a revolta *genderfuck* ataca diretamente o imperativo de identificação com um papel social. Nesse sentido, ela é “a implementação anárquica e

²¹ REDDY-BEST; STRECK; FARLEY, *Visibly Queer- and Trans-Fashion Brands and Retailers in the Twenty-First Century*.

²² Para explorar a fluidez da distinção entre deficiência e validade, cf. BEN-MOSHE; NOCELLA; WITHERS, *Queer-Crippling Anarchism*.

²³ Para uma visão da estética *crip* e *genderfuck* implementada por Cubacub, cf. JOHNSON, *Rebirth Garments creates gender non-conforming fashion for all bodies and abilities*.

²⁴ FRAY; EANELLI, *Queer Ultra Violence*, p. 212.

²⁵ FRAY; EANELLI, *Queer Ultra Violence*, p. 213.

²⁶ FRAY; EANELLI, *Queer Ultra Violence*, p. 290.

²⁷ BUTLER, *Gender Trouble*, pp. 174-175.

teatral do conceito de desordem no gênero".²⁸ Mas, em ambos os casos, há uma des-naturalização e des-sedimentação da norma (binária e capacitista) e, portanto, uma reativação do político no sentido de Laclau. Simplesmente, para ele, assim como para Berger e Luckmann, a passagem pela contingência é compreendida como um estado temporário, transitório, que inevitavelmente se encerra com a adoção de uma nova identidade: a des-reificação de si mesmo é imediatamente seguida por um esforço de re-reificação, ou seja, na perspectiva laclauiana, uma decisão de identificação que constitui plenamente o indivíduo como um sujeito. Aqui vemos que a contribuição da teoria *queer* está em questionar esse vai-e-vem típico da conversão política ou religiosa: desvincular-se de uma identidade normatizada e validada pelo poder deve ser acompanhado pela resistência à tentação de aderir a outra. O ativismo *queer* implica, portanto, que os indivíduos envolvidos busquem, ao contrário, evitar qualquer "retorno", qualquer estabelecer-se nos interstícios da ordem hegemônica para agir como lembretes contínuos de sua natureza construída e, portanto, de sua maleabilidade e da possibilidade de contestá-la ou substituí-la. De certa forma, eles são "portadores de contingências" que, por meio de seu modo de ser e de se vestir, visam combater o processo de despolitização do mundo social.²⁹ Além das questões de gênero ou deficiência, é o próprio conceito de identidade que está sendo publicamente contestado. É precisamente aqui que o conceito de visibilidade radical adquire todo o seu significado militante: você tem que ser visto para se tornar, aos olhos dos outros, o questionamento vivo das relações sedimentadas de força e poder.³⁰

Esse gesto *queer*, que condensa tanto uma prática de se vestir quanto uma contestação, se inscreve decididamente em uma lógica de performance de desidentificação, conforme definido por José Esteban Muñoz: uma estratégia de sobrevivência para todas as minorias que enfrentam uma "esfera pública majoritária fóbica que continuamente ignora ou pune a existência de sujeitos que não se conformam ao fantasma da cidadania normativa".³¹ Nessa perspectiva interseccional, que amplia a rejeição da identidade para incluir as pessoas *queer* racializadas, o objetivo é escapar tanto da interpelação pelo discurso dominante (Muñoz faz referência a Louis Althusser e Michel Pêcheux), com suas tentativas de fixar papéis sociais e os comportamentos que decorrem deles, quanto de evitar cair na armadilha de uma contra-identificação que implicaria uma assimilação alternativa, em que a adesão a uma identidade implica necessariamente um grau de reificação e submissão e, portanto, dá origem à dominação mesmo quando a identidade em questão afirma se opor a ela. Por seu turno, a

²⁸ TAYLOR, *Playing it Queer*, pp. 99–100, tradução livre.

²⁹ Nesse sentido, as pessoas *queer* desempenham o mesmo papel que o estrangeiro que, segundo o sociólogo Alfred Schütz, questiona as evidências e tradições de sua comunidade de acolhimento, revelando assim sua natureza construída e contingente. Cf. SCHÜTZ, *The Stranger*. Para mais informações sobre este assunto, cf. nosso próprio estudo: SOMMERER, *Dispersion de la vérité, constructivisme et contingence des identités*.

³⁰ Não estamos abordando aqui a questão da "identidade *queer*", ou seja, a possibilidade de os ativistas *queer* serem identificados como um grupo específico dentro do contexto de mobilizações coletivas. Essa questão é objeto de ricos debates, tanto no âmbito acadêmico quanto no ativismo, e questiona a possibilidade de um uso estratégico de uma identidade vivida de maneira não essencialista. Para uma visão geral desses debates, cf. ANDERSON-NATHE; DEFILIPPIS; MEHROTRA, *Deconstructing and Reconstructing Identity*.

³¹ José Esteban Muñoz baseia sua reflexão principalmente no estudo de performances artísticas e visuais, como as de Félix González-Torres. Cf. MUÑOZ, *Disidentifications*.

desidentificação associa a liberdade a uma "política de transformação de si mesma"³² que também é uma estética do meio-termo, da desorientação e da ilegibilidade identitária,³³ indissociável das diversas maneiras de se vestir ou se desvestir os corpos. Assim, embora seja evidente que o modelo de performance *genderfuck* não pode ser mecanicamente transposto de forma idêntica ao domínio da discriminação ligada à deficiência ou à racialização, a noção de desidentificação tem a vantagem de colocar como denominador comum a recusa em se submeter a um papel reificado, seja ele qual for. Nesse aspecto, ela é também uma extensão da ideia de poder destituente, conforme definida por Giorgio Agamben, aplicada aqui à instituição da identidade como um todo.³⁴

Se a teoria *queer* ajuda a curar a tendência da teoria política contemporânea de ser cega para a questão das práticas de se vestir, ela também cria ao mesmo tempo várias conexões. A noção de desidentificação, de fato, implica que a conexão entre resistência, liberdade e rejeição da identidade não se aplica apenas ao gênero, mas a todas as situações de discriminação ou opressão que envolvem uma lógica de reificação identitária ou imperativos de normalidade. Todavia, é notável observar que o mesmo tipo de estratégia de fluidez e de embaçamento de identidades para combater a dominação política pode ser encontrado no trabalho do antropólogo anarquista James C. Scott. Em seu estudo sobre como as populações das montanhas do Sudeste Asiático tentam escapar do controle do Estado há séculos por meio de uma mobilidade contínua, ele destaca repetidamente em seu livro *The Art of Not Being Governed* o papel da mudança das roupas: subverter a obsessão estatal por nomenclaturas, confundir os administradores locais ou coloniais, escapar de recenseamentos, evitar as denominações oficiais, tudo isso exige que se mantenha em movimento, tanto geograficamente quanto etnicamente e culturalmente.³⁵ Os indivíduos envolvidos cultivam, assim, um nomadismo tanto territorial quanto identitário, no qual eles modificam regularmente sua forma de falar, de se vestir e, portanto, de se autodefinir, o que lhes permite resistir às exigências do Estado, que as querem todas "legíveis".³⁶ Apesar das diferenças de contexto – a fluidez das populações descritas por Scott não inclui o gênero –, a proximidade das práticas e vocabulários é notável o suficiente aqui para se esboçar³⁷ um quadro teórico geral no qual a roupa, a resistência à dominação e o esforço contínuo de rejeitar as normas identitárias sedimentadas aparecem inextricavelmente ligados.

³² MUÑOZ, *Disidentifications*, p. 178.

³³ BIGÉ; EMMA-ROSE, *Désidentifiées*.

³⁴ A noção de poder destituente se refere a uma estratégia de contestação das instituições existentes que não busca substituí-las por instituições alternativas. Cf. AGAMBEN, *What is a Destituent Power?*.

³⁵ Sobre o papel do vestuário cf: SCOTT, *The Art of Not Being Governed*, pp. 238-239 ou p. 255.

³⁶ SCOTT, *The Art of Not Being Governed*, p. 85; SCOTT, *State Simplifications*; SCOTT; TEHRANIAN; MATHIAS, *The Production of Legal Identities Proper to States*.

³⁷ Isso levanta a questão da proximidade entre o sujeito *queer* e o sujeito anarquista, conforme definido em: SOMMERER, *En territoire ennemi*.



Foto: *Chicago's Radical Visibility Collective* apresenta sua segunda mostra (coleção de inverno). Design por Sky Cubacub da *Rebirth Garments*, *Vogds* e *Compton Q*.
Fonte: ColectivoMultipolar.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. What is a Destituent Power? *Environment and Planning D: Society and Space*, Londres, v. 32, pp. 65-74, 2014.
- ANDERSON-NATHE, Ben; DEFILIPPIS, Joseph Nicholas; MEHROTRA, Gita R. Deconstructing and Reconstructing Identity: How Queer Liberation Organizations Deploy Collective Identities. *The Journal of Sociology & Social Welfare*, v. 45, n. 3, pp. 85-111, 2018.
- BARTLETT, Djurdja (coord.). *Fashion and Politics*. New Haven: Yale University Press, 2019.
- BATCHELOR, David. *Chromophobia*. Londres: Reaktion Books, 2000.
- BEN-MOSHE, Liat; NOCELLA, Anthony J. II; WITHERS, AJ. Queer-Crippling Anarchism: Intersections and Reflections on Anarchism, Queer-ness, and Dis-ability. In: DARING, C. B.; ROGUE, J.; SHANNON, D. (org.); VOLCANO, A. (org.). *Queering Anarchism*. AK Press, 2012. p. 207-220.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *The Social Construction of Reality*. Londres: Penguin Books, 1991.
- BERNSTEIN SYCAMORE, Mattilda (org.). *Nobody Passes: Rejecting the Rules of Gender and Conformity*. Berkeley: Seal Press, 2006.
- BIGÉ, Romain/Emma-Rose. Désidentifiées. *Multitudes*, v. 1, n. 82, pp. 169-175, 2021.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. New York; Londres: Routledge, 1999.
- CUBACUB, Sky; DAVIEL, Shy (org.). *Radical Visibility: A Queer Crip Dress Reform Movement Manifesto*. Rebirth Garments, 2015. Disponível em: <https://rebirthgarments.com/radical-visibility-zine>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- CUBACUB, Sky. *lutte collective is a space for disabled and chronically ill artists*. [Entrevista cedida ao Coletivo lutte]. Mar. 2020. Disponível em: <https://luttecollective.com/featured-artists/sky-cubacub>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- ELLINGTON, Tameka N.; LIM, Stacey R. Rendered Powerless: Disability versus Westernized Beauty Standards. *QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking*, v. 4, n. 3, pp. 170-176, 2017.
- FISHER, Tony; KATSOURAKI, Eve (org.). *Performing Antagonism*. Londres: Palgrave Macmillan, 2017.
- FRAY, Baroque; EANELLI, Tegan (org.). *Queer Ultra Violence: Bash Back!* Anthology. Ardent Press, 2011.
- GOLDBERG, Abbie E.; BEEMYN, Genny (org.). *The SAGE Encyclopedia of Trans Studies*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2021.
- JOHNSON, Sunni. *Rebirth Garments creates gender non-conforming fashion for all bodies and abilities*. Wussy, 16 abr. 2023. Disponível em:

<https://www.wussymag.com/all/rebirth-garments-creates-gender-non-conforming-fashion-for-all-bodies-and-abilities>. Acesso em: 01 jun. 2023.

KAFER, Alison. *Feminist, Queer, Crip*. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

LACLAU, Ernesto. *New Reflections on the Revolution of Our Time*. Londres: Verso, 1990.

MATTEUCCI, Giovanni; MARINO, Stefano (org.). *Philosophical Perspectives on Fashion*. Londres/Nova Iorque: Bloomsbury, 2017.

McRUER, Robert. *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability*. Nova Iorque: New York University Press, 2006.

MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

REDDY-BEST, Kelly L.; GOODIN, Dana. QueerCrip fashion in the twenty-first century: Sky Cubacub and the QueerCrip Dress Reform Movement. *Clothing Cultures*, v. 5, n. 3, pp. 333-357, 2018.

REDDY-BEST, Kelly L.; STRECK, Kyra; FARLEY, Gordon Jennifer. Visibly Queer- and Trans-Fashion Brands and Retailers in the Twenty-First Century. *Dress*, v. 48, n. 1, pp. 33-53, 2022.

SCHÜTZ, Alfred. The Stranger: An Essay in Social Psychology. *American Journal of Sociology*, v. 49, n. 6, pp. 499-507, 1944.

SCOTT, James C. State Simplifications: Nature, Space, and People. *Nomos*, v. 38, pp. 42-85, 1996.

SCOTT, James C. *The Art of Not Being Governed*. New Haven: Yale University Press, 2009.

SOMMERER, Erwan. Dispersion de la vérité, constructivisme et contingence des identités : la sociologie de la connaissance mène-t-elle à l'anarchisme ? In: VERHAEGHE, S. (org.). *Anarchisme et sciences sociales*. Lyon: Atelier de Création Libertaire, 2021.

SOMMERER, Erwan. En territoire ennemi: le sujet anarchiste au risque de l'identité et de la vérité. *Réfractons*, n. 39, pp. 61-78, 2017.

TAYLOR, Jodie. *Playing it Queer*. Bern: Peter Lang, 2012.

TEHRANIAN, John; MATHIAS, Jeremy. The Production of Legal Identities Proper to States: The Case of the Permanent Family Surname. *Comparative Studies in Society and History*, v. 44, n. 1, pp. 4-44, 2002.

TRAVISANO, Richard. Alternation and Conversion as Qualitatively Different Transformations. In: STONE, G. P.; FARBERMAN, H. (org.). *Social Psychology Through Symbolic Interaction*. Waltham: Xerox, 1970. pp. 594-606.

SOBRE AS AUTORAS

Erwan Sommerer

Doutor em Ciência Política pela Universidade Aix-Marseille III. Professor na Universidade de Angers e membro do Centro Jean Bodin. E-mail: erwan.sommerer@univ-angers.fr.

Fransuelen Geremias Silva (tradutora)

Doutoranda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e Mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: fransuelengs@ufmg.br.